



Nesse sentido, seu engajamento e sua liderança na guerra contra o comunismo internacional pode ser visto como apenas um momento de sua condição de garantia em última instância do capital.

Só isso explica por que, apesar da insolvência que perpassa o sistema bancário norte-americano e do tamanho descomunal de seus dois déficits – o de transações correntes e o público –, o dólar se valoriza ante as demais moedas, ao exercer a função de reserva de valor e instaurar-se como o último porto seguro para capitais de todas as nacionalidades.

O provável declínio dos EUA apresenta-se assim como uma espécie de efeito colateral inesperado de sua irretorquível vitória sobre o socialismo estatal do Leste Europeu.

O anunciado giro na direção do fortalecimento do Estado, resgatando modalidades explícitas de capitalismo estatal; o retorno de políticas anticíclicas, de inspiração neokeynesianas; a retomada de práticas regulatórias não só no âmbito financeiro, demandas assumidas hoje pela classe capitalista e até mesmo por políticos conservadores, surgem como uma exigência técnica, como uma operação de restabelecimento da racionalidade econômica.

Esse olhar retrospectivo para o arsenal profilático desenvolvido a partir da crise de 1929 recusa-se a ver, no entanto, que tais procedimentos originaram-se no âmbito e sob mediação de um intenso confronto político no qual a classe trabalhadora exerceu o papel de protagonista (mesmo quando derrotada).

No contexto atual, a representação política dos trabalhadores, desacreditando da viabilidade do socialismo, defende, entretanto, apenas modalidades de capitalismo reformado e versões mitigadas de capitalismo de Estado. Diante desse encurtamento do horizonte político, resta a questão crucial: o que irá galvanizar as massas de atuais e futuros deserdados do mundo?

CARTA ABERTA DE GÜNTER GRASS A ANNA SEGHERS, 14 DE AGOSTO DE 1961

Tradução e introdução: Ingrid von der Weyhe¹

No dia 9 de novembro deste ano de 2009 comemora-se o vigésimo aniversário da queda do muro de Berlim, muro que na verdade, rasgava também de norte a sul a Alemanha inteira. Todo júbilo provocado por este acontecimento histórico nos leva a recordar de como tudo começou. Como consequência da chamada guerra fria este muro foi edificado, na noite de 13 para 14 de agosto de 1961, de maneira rápida e surpreendente. De início, constituía-se de arame farpado, quase intransponível, para posteriormente erigir-se, gradualmente, na solidez do concreto cinza, permanecendo então por 28 anos dividindo os alemães em dois Estados. Todos foram apanhados de surpresa pela construção, provocando a mais forte indignação, tanto do lado ocidental como oriental da cidade de Berlim, em toda a população alemã. Muitos foram os que tentaram rebelar-se, havendo até os que entregaram sua vida em protestos. O escritor Günter Grass, em sua perplexidade, escreve, no calor do próprio dia 14 de agosto de 1961, uma carta à sua colega Anna Seghers, que vive então na parte leste de Berlim, tentando o diálogo e buscando dar vazão ao seu profundo repúdio aos acontecimentos que vivenciava.

Günter Grass nasceu em 1927 na cidade de Danzig (hoje Polônia), em 1944 foi convocado ao serviço militar, indo para a aeronáutica, e sendo membro da divisão de tanques de guerra Friendsberg. Em 1945 caiu prisioneiro dos americanos, sendo libertado em 1946. Foi membro do Partido Social Democrata

¹. Germanista, tradutora e intérprete. É membro do grupo de tradução Glas, do Centro Germânico de Língua e Cultura, em Curitiba.



(SPD) de 1982 até 1993. Em 1995 publica o romance *Ein weites Feld* (Um vasto campo) – ainda sem tradução para o português –, cuja ação se desenrola em Berlim, no período entre a construção do muro até a reunificação, e desenha um panorama histórico da Alemanha, desde a revolução de 1848 até os dias de hoje.

Em 1999 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, por toda sua obra, na qual percebe-se um forte engajamento político-social e um incansável combate às injustiças e atos arbitrários advindos do poder. Tudo isso deixa claro em sua carta a Anna Seghers, por sua vez também um ícone, em sua época, por sua coragem e seu posicionamento político claro, o que lhe deu condição de luta contra todos os excessos e arbitrariedades da ditadura nazista.

A destinatária da inflamada carta de Günter Grass nasceu no ano de 1900 na cidade de Mainz, oeste da Alemanha. Em 1928 tornou-se membro do partido comunista (KPD). Em 1930 visita a Rússia e refugia-se na Suíça. Terminada a guerra, retorna a Berlim no ano de 1947 e em 1950 fixa residência em Berlim Oriental.

Günter Grass e Anna Seghers possuem posicionamento político antagônico, pois Anna Seghers é comunista convicta e defende seu país – a Alemanha do Leste – de forma engajada, e Günter Grass tem seu olhar dirigido para o ocidente; no entanto, há respeito mútuo, até admiração de Grass por sua colega, pois no fundo ambos lutam pelo mesmo ideal, ou seja, o respeito humano. Eis porque Günter Grass a convoca a erguer sua voz contra o desatino da divisão da cidade de Berlim em duas partes e da Alemanha em dois Estados distintos.

Em sua carta, Günter Grass faz referência a alguns personagens, sobre os quais é útil aqui fornecer alguns dados. Gerhard Schröder (homônimo do chanceler que

regeu a Alemanha unificada de 1998 a 2005), ministro do interior da RFA na época e Hans Globke são duas personalidades de destaque na política alemã de antes e pós-guerra, mas que, no entanto, poderiam ser chamados de lobos em pele de cordeiro. Georg Heisler é personagem do romance de Anna Seghers e Walter Ulbricht era o então presidente da RDA, sob cuja ordem o muro foi construído. Sua menção a tais personagens mostra a preocupação de Grass com o saber distinguir entre o justo e o injusto, preocupação que ocupou a mente de toda a geração que teve de vivenciar os horrores da guerra por anteriormente não ter sabido fazer esta distinção.

Também são citados nesta carta os escritores Gottfried Benn (1886-1956) e Klaus Mann (1906-1949). Benn já conquistara o público leitor alemão quando, no início da era nazista, se posiciona favorável a este regime, o que leva Klaus Mann, filho do famoso Thomas Mann e lutador incansável contra o nazismo, a convocar, por meio de uma emocionada carta, Gottfried Benn, a quem muito admirava como escritor, a rever a sua postura. Tal carta, escrita em 9 de maio de 1933 – um dia antes da famosa queima pública dos livros condenados pelos nazistas, em cuja pilha também estava o romance *A dança piedosa* de Klaus Mann –, Grass evoca em analogia à sua própria carta de apelo a Anna Seghers: “faço do 9 de maio de ambos, já falecidos, um 14 de agosto de 1961 vivo, para mim e para a senhora”. A circunstância histórica em que ambas as cartas foram escritas eram distintas, mas o apelo de Mann e Grass era o mesmo, era o mesmo “não” à brutalidade de uma ditadura, que não media a consequência de seus atos para atingir seus objetivos.

Os fatos políticos e econômicos que levaram à construção do muro, sem consideração por toda uma população ainda sofrida e desgastada por duas guerras, não justificavam a sua arbitrariedade nem conseguiram fazer com que pessoas como Günter Grass se calassem, o que possibilitou que fossem registrados para a posteridade a indignação e aviltamento sofridos por uma geração inteira. Sua carta nos serve de verdadeiro testemunho do que este muro realmente significou para muitos alemães. Lê-la tantos anos depois – com a Alemanha agora ingressa em um estado de normalidade, que lhe permite enfrentar os desafios naturais a uma nação, por assim dizer, recém-unificada – certamente pode ajudar-nos a entender mais a fundo as razões existentes para comemorar o 9 de novembro.

Berlim, 14 de agosto de 1961

À presidente da
Associação Alemã de Escritores da Rep. Democrática Alemã

Prezada sra. Anna Seghers,

Ontem, quando fui acordado por movimentações repentinas, por sons semelhantes aos produzidos por tanques de guerra, tão corriqueiros e nossos conhecidos, e por comentários de rádio e a obrigatória sinfonia de Beethoven, quando não quis acreditar no que me era servido no café da manhã pelo rádio, dirigi-me à estação Friedrichstrasse, fui ao portal de Brandemburgo e vi-me diante dos atributos inconfundíveis da violência nua, mesmo fedendo a [chicotes de] couro de porco. Sempre que me encontro em perigo, ou amedrontadíssimo, como toda criança já muito sofrida, tendo a gritar por socorro. Revolvia meu cérebro e meu coração à procura de nomes, de nomes que prometessem ajuda; e seu nome, prezada sra. Anna Seghers, tornou-se-me um cálamo do qual não pretendo me separar.

A senhora foi a pessoa que, após aquela guerra que não deve ser esquecida, ensinou minha geração, e todo aquele que tivesse ouvidos abertos, a distinguir entre o justo e o injusto; seu livro *A sétima cruz* formou-me, aguçou meu olhar e fez com que hoje eu reconheça os Globke e Schröder; seja qual for a sua indumentária, queiram eles denominar-se humanistas, cristãos ou ativistas. O medo de seu Georg Heisler mostrou-se-me invendível; só que hoje o nome do comandante do campo de concentração não é mais Fahrenberg, ele se chama Walter Ulbricht e está à frente de seu país. Não sou Klaus Mann e a senhora está intelectualmente em oposição ao fascista Gottfried Benn, mesmo assim, com a presunção da minha geração, faço menção à carta escrita por Klaus Mann a Gottfried Benn, em 9 de

maio de 1933. Faço do 9 de maio de ambos, já falecidos, um 14 de agosto de 1961 vivo, para mim e para a senhora: não pode se tornar fato que a senhora, até hoje para mim e para muita gente sinônimo de toda rebelião contra a violência, tenha decaído à irracionalidade de um Gottfried Benn, e não reconheça a brutalidade de uma ditadura que, precariamente e no entanto, de forma hábil, se fantasiou com seu sonho de socialismo e comunismo, sonho que não tenho, mas que, como todo sonho, respeito.

Não queira me consolar com o futuro que, como a senhora na qualidade de escritora bem o sabe, comemora no passado, a cada hora, a ressurreição; permaneçamos no hoje, no 14 de agosto de 1961. Hoje estão estacionados na rua Leipzig pesadelos em forma de tanques de guerra, oprimem todo sono e ameaçam todos os cidadãos enquanto pretendem protegê-los. Hoje é perigoso viver em seu país, e é impossível abandoná-lo. Hoje – e a senhora o cita com razão – um ministro do interior chamado Schröder, trabalha em seu brinquedo predileto: na Lei de Estado de Emergência. Hoje – a revista *Der Spiegel* no-lo comunica – são feitos preparativos em Deggendorf, Baixa-Baviera, para os festejos católicos antissemiticos. Quero tornar este hoje o nosso dia: queira a senhora, como frágil e forte mulher, bramir sua voz contra os tanques, contra o mesmo arame farpado repetidamente produzido na Alemanha, que outrora dava segurança aos campos de concentração; eu, no entanto, não quero cansar-me de falar rumo ao Ocidente; quero peregrinar a Deggendorf e cuspir em uma igreja que elevou o antissemitismo a altar.

Esta carta, prezada senhora Anna Seghers, tem de ser uma carta aberta. Enviar-lhe-ei o original via Associação de Escritores em Berlim Oriental. Pedindo por publicação, envio uma cópia ao diário *Neues Deutschland* e uma segunda cópia ao semanário *Die Zeit*.

Pedindo ajuda, a cumprimenta,
Günter Grass